



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com integrantes da comunidade brasileira residente em Santiago

Santiago-Chile, 23 de agosto de 2004

No Brasil, nós costumamos começar os nossos encontros pedindo desculpas pelo atraso. Mas é porque, normalmente, a agenda tem mais compromissos do que as horas do dia. Então, alguma coisa atrasa.

Eu queria apresentar para vocês a minha companheira Marisa,

Queria apresentar para vocês a ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff,

Queria apresentar o nosso ministro de Relações Exteriores, Celso Amorim,

Queria apresentar a Ana Fonseca. Ana, você tem que vir para cá, porque tem tanta mulher aqui, que se eu não mostrar que tenho muita mulher no governo... A Ana Fonseca é a secretária-executiva do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Ela foi a mulher que implantou o Programa de Transferência de Renda em São Paulo, e agora, trabalha com o ministro Patrus.

Tem, aqui, o Marco Aurélio, que é meu assessor especial de política externa.

Tem o nosso companheiro Clayton, que é o presidente da Embrapa, que está aqui.

E toda aquela turma que vocês estão vendo, ali atrás, são as pessoas que terminam ajudando o Celso para termos o sucesso na política externa que estamos tendo.

O nosso embaixador, vocês já conhecem.



E eu queria aproveitar para dizer que vir ao Chile é sempre uma alegria. Uma alegria porque este país acolheu, em momentos difíceis da democracia brasileira e da vida política brasileira, muitos, mas muitos dos nossos companheiros ou companheiras que aqui vieram, que aqui encontraram guarida, que aqui encontraram o espaço de liberdade que não tinham no Brasil. E depois, o Brasil também foi recíproco com o Chile porque quando aqui, também, a coisa engrossou, não foram poucos os chilenos que foram para o Brasil.

E houve uma mistura. Houve muitos brasileiros casando com chilenas, houve muitos chilenos casando com brasileiras. Aí vocês percebem que nós estamos quase construindo, na prática, uma nação sul-americana. Ou seja, o governo, de vez em quando, tem dificuldades; de vez em quando a diplomacia tem problemas legais. Mas o povo, na sua esperteza e sabedoria, vai, na prática, construindo essa unidade.

Bom, então, além da alegria de estar aqui, no Chile, eu queria dizer para vocês que desde o momento em que tomamos posse nós resolvemos fazer uma política externa mais ousada do que, habitualmente, o Brasil fazia. E tentamos ocupar o espaço que entendíamos que o Brasil poderia ocupar, se soubesse fazer a política correta.

E a primeira atitude nossa foi começar pela América do Sul. Vocês sabem que dificilmente tem um candidato de algum país da América do Sul que não tenha utilizado o discurso da integração latino-americana ou da integração sul-americana.

O dado concreto é que essa integração não pode ser uma frase de efeito ou uma coisa eminentemente teórica. É preciso transformar essa integração numa coisa concreta e objetiva. E nós começamos a fazer. Primeiro, estabelecendo uma política de confiança. Só para vocês terem idéia, nos primeiros 12 meses de governo nós visitamos, praticamente – aqui eu visitei antes da posse – nós visitamos todos os países da América do Sul. E nós



recebemos, no Brasil, todos os presidentes dos países da América do Sul, alguns mais de uma vez, para estabelecer com eles uma relação de confiabilidade; a construção de uma parceria que pudesse fazer com que tivéssemos mais força na nossa relação com os chamados “blocos comerciais ricos”, ou seja, estou falando dos Estados Unidos, estou falando da União Européia, estou falando do Japão.

Depois que nós consolidamos a América do Sul, nós resolvemos dar um outro passo importante, que foi recuperar um pouco os nossos compromissos históricos com a África. Porque vocês sabem que, no Brasil, sempre se fez política olhando para a Europa e olhando para os Estados Unidos, ou seja, muita gente, no Brasil, olha para a Europa sem perceber que ali tem o continente africano, um continente que durante 300 anos cedeu homens livres que viraram escravos no Brasil; homens e mulheres, e que são responsáveis pela cor do nosso povo, pela cultura do nosso povo, pela nossa sabedoria, pela nossa beleza, por tudo que nós somos hoje.

Visitamos, nesse espaço de tempo, praticamente, se levarmos em conta os países africanos e árabes, dez países nesses 19 meses de governo. Já visitamos Angola, Moçambique, Namíbia, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Gabão, África do Sul, Líbia, Egito.

E, depois, demos o terceiro passo. Qual foi o terceiro passo? Foi estabelecer uma relação muito forte com os países árabes, porque o último governante brasileiro a ter uma relação mais forte e visitar um país árabe, o Líbano, foi D. Pedro, em 1870.

Bem, numa demonstração de que você não faz política internacional por e-mail, por fax ou por correio; você faz política internacional pegando na mão das pessoas, olhando no olho das pessoas, conversando com as pessoas.

E nós temos um encontro inédito para ser realizado no começo do próximo ano, que é o encontro entre todos os países árabes e todos os países da América do Sul, para mostrar ao mundo árabe que eles podem colocar um



pouco dos recursos aqui, na América do Sul, não precisa jogar tudo isso na Europa ou nos Estados Unidos.

E isso, também, necessita de uma boa relação. O Celso, que já foi ministro no governo Itamar Franco, que está há 40 anos no Itamaraty, na diplomacia brasileira, pode dizer para vocês se em algum momento da história do Brasil o Itamaraty trabalhou tanto. E as pessoas estão trabalhando, a gente vê a cara de todo mundo feliz, trabalhando. E continuam ganhando pouco, mas estão trabalhando muito mais pela sua auto-estima.

Nós fizemos uma boa política com a África do Sul; depois, uma boa política com a Índia; depois uma boa política com a China. Todos esses países eu já visitei. Ou seja, até agora, eu já visitei quase 40 países, em 19 meses de governo, porque não dá para ficar esperando as coisas acontecerem. Nós temos que fazê-las acontecer. Temos levado muitas delegações de empresários, para os empresários pararem de ficar esperando que as pessoas venham no Brasil comprar. Nós temos que sair para vender.

Nós partimos do pressuposto que a imagem do Brasil, o país do carnaval, o país do futebol, o país da miséria, das favelas, da criança de rua, continua sendo verdadeiro. Mas nós temos que mostrar que existem outras coisas, no Brasil, e coisas extraordinárias.

Quando nós fazemos parceria com a China, nós não estamos apenas exportando soja para a China ou comprando carvão. Nós estamos dizendo para a China que nós queremos a tecnologia deles para lançar os foguetes brasileiros, e ao mesmo tempo estamos dando para eles tecnologia de como produzir aviões via Embraer.

Nós temos que mostrar que nós temos tecnologia; que nós temos uma base intelectual; que nós temos produtos de qualidade; que os nossos trabalhadores, no Brasil, são capazes de produzir coisas de qualidade mais do que qualquer outro trabalhador do mundo. Porque, senão, você não consegue vender as coisas boas do Brasil.



E o resultado nós estamos colhendo. O resultado é que o Brasil, todo mês, está batendo recorde na sua política de comércio exterior. Estamos exportando 90 bilhões de dólares, é o recorde dos recordes do país. Estamos com um superávit comercial próximo a 30 bilhões de dólares, que é recorde dos recordes do nosso país.

Pela primeira vez, em muitos anos, nós estamos construindo um superávit em conta corrente. Ou seja, depois de tudo que nós pagamos, nós ainda temos um superávit de quase 7 bilhões, uma marca que poucas vezes aconteceu na história do Brasil, ou nunca aconteceu na história do Brasil.

Mas, isso está fazendo com que a gente tenha outras conquistas. Por exemplo, a conquista do Brasil contra os Estados Unidos, na Organização Mundial do Comércio, por causa do subsídio do algodão. Isso é uma vitória que interessa ao Brasil, mas fortalece muito mais países mais pobres da África, que têm no algodão a base da sua economia.

Da mesma forma que foi muito significativa a vitória que tivemos agora, também, contra a União Européia, na OMC, em relação ao açúcar. Ou seja, nós conseguimos um tento, ainda vai ter outras etapas de briga, mas já foi um sinal importante.

E, mais importante ainda foi o que aconteceu a partir de Cancún, quando nós criamos o G-20. Muita gente – e não falta gente com a cabeça colonizada no meu país, no nosso país – muita gente achava: “não se pode fazer isso, porque não sei quem não vai gostar, não sei quem vai achar ruim, porque os americanos podem não gostar”. Nós não estávamos fazendo nada contra os americanos, estávamos fazendo a nosso favor. Nós não queremos para nós nada que os americanos não queiram para eles. Nós queremos crescer, queremos ser um país competitivo, queremos gerar riqueza, distribuir renda, melhorar a vida do nosso povo. Não é isso que os americanos querem? Então, se nós quisermos isso, nós temos que brigar, porque não são eles que vão nos dar isso.



Quando nós criamos o G-20 em Cancún, muita gente achou que seria um fracasso. Teve países que até, depois, por pressão, se afastaram, mas que agora já voltaram.

E nós tivemos agora, depois de umas reuniões em Paris, esse encontro em Genebra, e eu acho que nós estamos consolidando o fim do subsídio agrícola na União Européia e nos Estados Unidos. Isso significa muita coisa. Significa que, no decorrer do tempo, nós poderemos ter um acréscimo na política comercial para os países em desenvolvimento, da ordem de 200 bilhões de dólares.

Isso é uma coisa excepcional para grande parte dos países mais pobres que têm, na agricultura, a base do seu desenvolvimento. E eu acho que isso só foi possível graças à coordenação que nós fizemos com a América do Sul, com a participação de todos os países, o Chile teve uma participação muito importante, a África, a Índia, a China, e eu acho que nós conseguimos um tento.

Bem, do ponto de vista da nossa política interna, nós estamos vivendo um momento bom. Posso dizer para vocês do otimismo que eu vou vender para vocês. Eu tenho feito questão de dizer todo santo dia em todos os lugares em que eu vou, no Brasil: O desafio que está colocado para nós é não permitir que o crescimento econômico que estamos colhendo agora seja um crescimento econômico de duração curta, seja um vôo de galinha. Nós queremos que seja um crescimento, nós não queremos crescer 10% num ano e nada no outro ano. É melhor crescer 4%, mas crescer 4% em 2004, 2005, 2006, 2010, ou seja, ter um ciclo de crescimento para que a gente possa pagar a dívida social que há muitos e muitos anos se acumulou no país.

Vocês, brasileiros, precisam se lembrar de uma coisa que a gente não pode se esquecer sobre a situação do nosso país. Em 1970, a população no Brasil era de 90 milhões de habitantes. Em 2004, a população do Brasil é de 180 milhões de habitantes. Significa que nós dobramos a população em 34



anos. Agora, o que é grave? O grave é que exatamente nesses 34 anos teve vários anos que nós tivemos décadas perdidas, como a década de 80 e parte da década de 90, em que a população cresceu e a economia não cresceu. Isso significa o quê? Que nós temos um déficit muito grande com a sociedade brasileira, que nós precisamos preparar a economia brasileira para resgatar essa dívida social que todo mundo fala em pagar. Eu era criança e já ouvia falar em pagar, já estou ficando com os meus 60 anos e ainda não se pagou. Mas nós vamos ter que pagar. E se nós não pagarmos, eu me pergunto: quem pagará? Bem, então nós temos esse compromisso.

Temos uma política social intensa e esse é um fato importante que vocês podem acompanhar. Nós não adotamos nenhum critério mágico, porque não existe mágica nisso. Nós adotamos a política da responsabilidade. Temos uma política fiscal dura, como uma dona de casa tem na sua casa, um marido tem na sua casa ou uma família tem na sua casa. Vocês sabem que vocês trabalham o mês inteiro, que no final do mês vocês recebem um salário, o marido de vocês ou a mulher de vocês recebem também um salário, e vocês têm que juntar aquele dinheiro, ver tudo que vocês têm que pagar e ver se sobra alguma coisa para vocês guardarem para fazer uma poupançazinha. Se vocês gastarem mais do que ganham, em algum momento vocês vão estourar.

A política econômica do país é a mesma coisa. O governo não pode ficar gastando mais do que tem, porque quando a coisa estourar vai atingir exatamente na parte mais pobre que não teve nenhum problema com a dívida que foi contraída pelo governo. E, ao mesmo tempo em que a gente mantém essa política fiscal dura, nós temos uma política social muito ousada. Nós assumimos um compromisso de até o final do meu mandato, portanto, até dezembro de 2006, atingirmos com um programa de transferência de renda, via Bolsa Família e programa Fome Zero, a totalidade de 11 milhões de famílias que, segundo o IBGE, estão abaixo da linha de pobreza.

Eu trabalho com o desejo de que, quando chegarmos em 2006, a



economia tenha crescido e que já não tenha mais 11 milhões, que tenha nove, que tenha dez, sei lá. Quanto menos, melhor. Mas, de qualquer forma, nós temos um compromisso: se chegarmos em 2006 e se tiver 11 milhões de famílias vivendo abaixo da linha da pobreza, todos eles estarão recebendo o Bolsa Família. Nós já temos agora 5.500 milhões de famílias, chegaremos a 6.500 milhões em dezembro, a 8.700 milhões de famílias em dezembro do ano que vem e a 11 milhões em dezembro de 2006. Isso é, possivelmente, uma das maiores políticas de transferência de renda que um país já fez. É pouco. É verdade, é pouco. São em média 73 reais, 75 reais. É pouco, mas é três vezes mais do que era antes. Antes, a média era 25 reais, 26 reais. Nós estamos, agora, com 78 reais por família, obrigando as famílias a cumprir alguns compromissos. Por exemplo, a mulher grávida que receba, tem que fazer o pré-natal completo; uma mulher que tenha filho em idade de vacina, tem que tomar todas as vacinas; as mulheres que tiverem filhos até 14 anos, têm a obrigatoriedade de essas crianças estarem na escola. Nós exigimos uma contrapartida para não ser apenas uma política de dar dinheiro.

Ao mesmo tempo nós criamos esse ano – e é por isso que sou muito otimista – do dia 1º de janeiro ao dia 1º de julho nós criamos no Brasil 1.236 milhão de novos empregos de carteira profissional assinada, sem contar empregada doméstica, funcionalismo público e economia informal. Isso significa o maior número de empregos desde 1992, significa que a economia está num processo sólido de recuperação. E, como temos garantido o crescimento de 2004, nós estamos preparando 2005 porque nós queremos que cresça mais e queremos fazer as coisas que precisam ser feitas em infraestrutura, porque as exportações do Brasil cresceram muito e nós, hoje, descobrimos que tem portos que precisam sofrer mudanças, que tem ferrovias que não foram construídas, que tem gargalos de infraestrutura que precisam ser feitos urgentemente e nós estamos preparando tudo isso para 2005. Nós queremos crescer mais em 2005 para preparar um maior crescimento para



2006 e, quem sabe, o Brasil possa ter aí dez, 15 anos de crescimento contínuo para que a gente possa resgatar toda a dívida social acumulada no nosso país.

No mais, eu vou ter que começar a reunião com o presidente Lagos pedindo desculpas como eu pedi a vocês, porque eu vou chegar quase 40 minutos atrasado, também.

Eu quero dizer para vocês, gente, que nós estamos num processo de otimismo muito grande, sem euforia. Nós achamos que ainda precisa muito trabalho, muita seriedade. Eu disse no dia da minha posse, disse durante a campanha e disse depois da campanha que a nós não seria dado o direito de errar, e nós não vamos errar. No Brasil, historicamente, entra um governo que não faz nada, vai embora e, no dia seguinte, o povo já esqueceu. No nosso caso nós não temos o direito. Por quê? Porque nós geramos muita expectativa ao longo de muitos anos.

Quando nós ganhamos é normal que as pessoas tenham a sua expectativa aumentada e, por isso, eu estou tranquilo que nós não vamos errar. Eu estou tranquilo que a gente pode até não conseguir fazer tudo que queremos fazer, mas podem ficar certos que nós faremos o máximo que nos foi permitido fazer. Não falta vontade de trabalhar, não falta otimismo, não falta auto-estima ao nosso povo e queremos que essa auto-estima seja disseminada para toda a América do Sul, queremos fazer com que cada país da América do Sul acredite que o Brasil é um parceiro de verdade, porque muita gente tem medo do Brasil, muita gente achava que o Brasil era imperialista. Nós estamos mostrando que nós não queremos ter uma relação de hegemonia com ninguém. Nós queremos ter uma relação de parceria, nós queremos ser companheiros, fazer políticas de complementaridade, definindo em que o Brasil pode ajudar e em que o Brasil pode ser ajudado.

E para terminar, não sei se vocês acompanharam o que aconteceu no Haiti. O Brasil aceitou a convocação da ONU e mandou uma Força de Paz de 1.198 soldados para o Haiti. O general brasileiro é quem coordena todas as



outras forças, o Chile, a Argentina. Pela primeira vez a gente tem a possibilidade de latinoamericanizar o Haiti, porque a França ficou lá 300 anos, os Estados Unidos ficou 20 anos. Pela primeira vez nós temos a chance de colocar a América Latina para ajudar, mesmo na sua pobreza. E eu digo o seguinte: a gente, mesmo sendo pobre, pode ajudar.

Eu sou do Nordeste e eu ouvi a minha mãe dizer o seguinte – isso é o bom do brasileiro – “onde come um, comem dois, onde comem dois, comem três”. E nordestino fala: “onde come um, comem dez”. Mesmo que seja só feijão e farinha, come, não falta. O Haiti precisa de tudo. Eles precisam de mandioca, precisam de rapadura. Eles já produziram cana e não tem mais. Nós estamos lá, agora, com uma equipe de técnicos, o Chile e a Argentina também vão mandar, para que a gente possa estender a mão para aquele povo. Quem não conhece pobreza, vá para o Haiti, que vai saber o que é pobreza no mundo.

Vocês viram que nós fizemos um gesto importante, que foi a Seleção Brasileira jogar no Haiti. Eu fiquei sabendo que eles eram fanáticos por futebol, fiquei sabendo que eles eram fanáticos pelo futebol brasileiro. E aconteceu uma coisa interessante: como eu tinha que ir ao Haiti e à posse do presidente da República Dominicana, no dia 16, eu procurei a Seleção Brasileira e propus que eles fizessem o jogo. Eles aceitaram de pronto, os jogadores todos aceitaram de pronto, só não participaram alguns jogares porque os seus times criaram caso. Eu lembro que tentaram persuadir o Ronaldinho, dizendo: “olha, o campo é de terra, o campo não está bom.” E o Ronaldinho falou: “mas eu aprendi a jogar bola em campo de terra, porque eu não vou jogar agora, que eu já sei jogar bola?” Nós conseguimos recuperar o campo, o campo ficou bonito e vocês não têm noção do que foi aquilo lá.

Domingo, à noite, a Globo fez um especial no Fantástico. Eu recebi um telefonema do Brasil dizendo que guardaram a fita para eu ver, porque disseram que foi uma coisa que nem a própria Seleção seria capaz de fazer, de



tão emocionante e tão bonito que foi.

De forma que vocês percebem que eu não tenho razão para não estar feliz e não estar otimista. Eu digo sempre o seguinte: sou um homem bem casado, tenho grandes e bons amigos por esse país afora, tenho a crença de que nós poderemos fazer muita coisa pelo Brasil e eu acho que o povo brasileiro dá uma contribuição extraordinária. Eu só vou dar um exemplo para vocês desse comportamento. Esses dias, nós anunciamos na imprensa a redução da alíquota do PIS e da Cofins para três produtos da cesta básica: para o feijão, para o arroz e para a farinha de mandioca. Bem, no dia em que nós anunciamos, o Abílio Diniz, presidente do Grupo Pão de Açúcar, foi para a televisão, colocou matéria paga em todos os jornais e chamou todos os fornecedores da sua cadeia para exigir que eles repassassem para o consumidor a redução da alíquota que nós fizemos.

Eu acho que esse é um exemplo, e tem outros empresários fazendo, é um exemplo de que o Brasil está vivendo um momento bom, um momento de auto-estima elevada, um momento de crença no país, um momento em que nós estamos aprendendo a gostar de nós mesmos. Estamos aprendendo a nos respeitar porque, no mundo, ninguém respeita quem não se respeita. No mundo, ninguém respeita quem negocia de cabeça baixa.

Então, da mesma forma, eu vou continuar torcendo para que vocês mantenham essa cara feliz com que vocês estão. Parece que todo mundo aqui, ou está bem empregado, ou está bem com o namorado, ou está bem com o casamento, porque está todo mundo com a cara muito boa.

Eu vou continuar torcendo para vocês manterem essa cara alegre, de otimismo. Eu espero que vocês continuem torcendo para que o Brasil nunca mais abaixe a cabeça e conquiste o espaço que já deveria ter conquistado há muitos anos.

Muito obrigado, e que Deus abençoe todos vocês.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República
